



MISCELÂNEA

Revista de Pós-Graduação em Letras

UNESP – Campus de Assis

ISSN: 1984-2899

www.assis.unesp.br/miscelanea

Miscelânea, Assis, vol.9, jan./jun.2011



DA POLÍTICA ÀS LETRAS: O PROTAGONISMO LITERÁRIO DO SUBCOMANDANTE *MARCOS*

From the Politics to the Literature: the literary protagonism of Subcommander *Marcos*

Mélanie Létocart Araujo

(Doutora—Université de Lille III, França; Docente — UFS/Aracaju)

RESUMO

Em 1994, o surgimento da guerrilha zapatista significou uma comoção não apenas política, mas também cultural e literária em todo o México. Neste trabalho, busco demonstrar como a literatura ocupa um espaço central e decisivo nas ações do EZLN. Primeiramente, privilegiarei o estudo da cultura política promovida pela guerrilha zapatista; em seguida, analisarei o discurso literário elaborado pelo chefe militar e escritor, o subcomandante *Marcos*. Ao entrelaçar dimensões históricas factuais com ficções nascidas de sua *pluma*, a escrita de *Marcos* lembra que a ficção narrativa pode interrogar a história e desempenhar a função tanto de reconstruir discursivamente o passado histórico, quanto de propor um discurso alternativo que esclareça episódios presentes e passados, colocando em circulação outras interpretações e pontos de vista.

PALAVRAS-CHAVE

EZLN; política; literatura.

RÉSUMÉ

L'apparition en 1994 de la guérilla zapatiste a signifié au Mexique une commotion sur le plan politique mais aussi culturel et littéraire. Dans ce travail, je cherche à montrer comment la littérature occupe un espace central et décisif dans les actions de l'EZLN. Premièrement, je privilégierai l'étude de la culture politique de la guérilla zapatiste ; ensuite, j'analyserai le discours littéraire élaboré par le sous-commandant *Marcos*, chef militaire et écrivain de l'EZLN. En entrelaçant dimensions historiques factuelles et fictions nées de sa plume, l'écriture de *Marcos* rappelle que la fiction narrative peut interroger l'histoire et avoir la fonction de reconstruire discursivement le passé historique et de proposer un discours alternatif qui éclaire des épisodes présents et passés, mettant ainsi en circulation d'autres interprétations et points de vue.

MOTS-CLÉ

EZLN; politique; littérature.

À vous de choisir, donc: mourir ou raconter.

Daniel Pennac in *La fée carabine*

O perfil do EZLN¹

A guerrilha zapatista (EZLN) é uma organização político-militar mexicana composta, na sua grande maioria, por agricultores maias. Sua aparição pública ocorreu no dia primeiro de janeiro de 1994, quando grupos de guerrilheiros tomaram de assalto sete cidades do Chiapas (DE VOS, 2002).

O EZLN se distingue de outras guerrilhas surgidas ao longo do século XX na América Latina não apenas pelo conjunto de reflexões e ações políticas adotadas, mas também por práticas culturais, que lhe conferem um perfil único. Um dos primeiros sinais que chamou a atenção dos observadores nacionais e internacionais foi o abandono rápido da via armada pelos guerrilheiros: os combates que opuseram o EZLN ao Exército Federal mexicano duraram apenas doze dias, e terminaram depois do cessar-fogo decretado, sob pressão popular, pelo presidente mexicano Carlos Salinas.

O combate se deslocou então para as esferas da política e do discurso, quando, por razões de sobrevivência, a guerrilha começou a negociar com o governo e a mandar, de maneira quase frenética, uma quantidade descomunal de comunicados e cartas dirigidos à imprensa nacional e a diversos destinatários. Tratava-se de centenas de páginas produzidas e publicadas num breve espaço de tempo que indicam a importância do discurso como estratégia privilegiada para expor publicamente os posicionamentos políticos da guerrilha, persuadir a opinião pública da validade da causa zapatista e despertar o apoio e a mobilização de setores nacionais e internacionais em prol do movimento.

¹ As abreviações remetem ao *Ejército zapatista de liberación nacional*.

Desta maneira, no decorrer dos dramáticos acontecimentos de 1994, e sem premeditação aparente, o EZLN adotou uma estratégia de comunicação inédita e persuasiva (TREJO DELARBRE, 1994, p.125), baseada numa produção escrita volumosa, cuja singularidade especificarei mais adiante.

De fato, apesar da posição inicialmente periférica da guerrilha no campo do poder, o EZLN conseguiu ocupar rapidamente um lugar de destaque nas esferas discursiva, política e mediática, pelo menos entre 1994 e 2001. Daí a ideia repetida por diversos críticos de uma “guerrilha do espetáculo”, que usa inteligentemente a cena mediática para atuar, como atores que, num fim de milênio marcado pelos impasses revolucionários, apresentar-se-iam diante de um público ávido de novas encenações utópicas.

Para ir além das expressões redutoras nas quais foram encerradas as ações da guerrilha — e para entender a gênese da rápida difusão do zapatismo e da simpatia que granjeou — faz-se necessário trazer à tona alguns aspectos das práticas políticas, culturais e discursivas, as apostas simbólicas efetuadas, e os jogos de linguagem e de representação que as sustentam. Procuraremos assim delinear a singularidade da posição cultural zapatista, observando as opções distintivas escolhidas para fazê-la existir e interrogar quais são, na atualidade, suas implicações na dinâmica política da guerrilha.

Se considerarmos a sua formação, a guerrilha aparece como um leque de heterogêneas pertencas socioculturais. O primeiro núcleo da guerrilha foi fundado por universitários e intelectuais urbanos “sobreviventes e herdeiros das organizações de luta armada reprimidas e desmanteladas pelo poder mexicano, nos anos setenta” (LE BOT, 1997, p.37). Composto por três mestiços urbanos e três indígenas chiapanecos, o embrião do que viria a ser o EZLN se instala em 1983 numa região isolada da Selva Lacandona, na zona da fronteira com a Guatemala. Os indígenas integrantes dessa primeira estrutura eram indivíduos conscientes e politizados, já predispostos à luta armada, que aspiravam se libertar de sua marginalização secular.

No decorrer dos anos oitenta, o exército zapatista agregou um número crescente de jovens maias sem-terra, colonos recentes da Selva Lacandona, em ruptura com a organização social indígena tradicional, expulsos de suas comunidades de origem por motivos religiosos, econômicos ou políticos. A integração de líderes indígenas locais, vinculados à diocese de San Cristóbal de Las Casas, onde ocupavam cargos religiosos importantes — na linha indígena da Teologia da Libertação organizada pelo bispo Samuel Ruiz, ao longo dos anos setenta (DE VOS, 2002, p.251) —, representa o ponto determinante da propagação local do EZLN.

No início dos anos noventa, a organização zapatista entrou numa terceira fase, ao penetrar diretamente nas comunidades locais, transformadas em “bases de apoio” do EZLN.

Foi nesse período de gestação clandestina que começou a brotar a nova cultura política inaugurada pelo zapatismo, quando “os guerrilheiros descobrem que seu discurso revolucionário, universalista, não tem validade para os índios, não desperta neles nenhum eco, e que por consequência, é usurpada sua pretensão à universalidade” (LE BOT, 1997, p.23). Diante da alteridade indígena, a guerrilha assimilou então os novos repertórios culturais e, seguindo os passos dos catequistas da Teologia da Libertação, teria traduzido o seu projeto socialista para o imaginário das comunidades maias. Com essa indianização, nasceu uma nova dinâmica interna, como “começo de uma recomposição do pensamento e da ação coletivos, na perspectiva de uma política do reconhecimento” (LE BOT, 1997, p.23).

Assim, a trajetória e a composição social do EZLN devem ser apreendidas desde a perspectiva do intercâmbio entre agricultores desarraigados, depositários de uma cultura sincrética, e a parte ocidental representada pelos intelectuais urbanos. De um lado e de outro da fronteira cultural, trata-se de sujeitos deslocados, em busca de um mundo melhor.

O retrato da guerrilha seria incompleto sem o seu membro mais conhecido, uma vez que ele desempenha um papel central, em qualidade de

chefe militar, porta-voz e produtor principal² do discurso zapatista. Segundo as revelações espetaculares do governo mexicano, por trás do capuz de lã e do cachimbo do justiceiro *Marcos*, esconder-se-ia Rafael Sebastián Guillén Vicente, filho de um rico comerciante mexicano, graduado em filosofia pela UNAM, que teria escrito uma monografia sobre as relações entre educação e filosofia influenciada por Michel Foucault (RODRIGUEZ, 1996, p.76). Depois de uma rápida passagem como professor de comunicação na UAM, Rafael Sebastián teria entrado na clandestinidade no início dos anos oitenta, momento em que redefiniu sua posição sociocultural de intelectual, uma vez que, ao entrar em contato com a cultura maia, acumulou experiências diferenciadas, desenvolvendo o que E. W. Said chama de consciência em contraponto. Essa consciência do migrante, simultânea e oscilante entre duas culturas, possibilita uma “originalidade da visão” (SAID, 2003, p.59) e a aptidão — quase esquizofrênica — para falar desde vários lugares culturais (GARCÍA CANCLINI, 2001). Foi a partir dessa posição cultural que, logo depois da insurreição de 1994, *Marcos* debutou a sua carreira política pública, assumindo a função de porta-voz do grupo e improvisando um combate retórico, para disputar à mídia e ao governo o controle discursivo de representação do EZLN. Assim, a guerrilha reorientou de maneira substancial o teor e o tom do seu discurso,³ assentando novas condutas e valores políticos distintivos que descreverei sucintamente na sequência.

Uma nova cultura política

A originalidade das ações do zapatismo provocou muito cedo profícuos debates e análises que se debruçaram, entre outros elementos, sobre as contribuições da guerrilha no âmbito político. Carlos Fuentes, por exemplo,

² É importante assinalar o fato de que, em função da conjuntura, os comandantes indígenas do EZLN produzem mensagens próprias.

³ A primeira tomada de posição pública do EZLN aparece na *Declaración de La Selva Lacandona*, o texto através do qual o EZLN declarou guerra ao governo mexicano e que perpetua a dialética marxista de guerrilhas de tipo “clássico”.

caracterizou-a como “primeira revolta pós-comunista” (FUENTES, 2002). O sociólogo Le Bot lembra que, se a história da América Latina — e, mais especificamente, do México — foi escrita durante muito tempo de um modo trágico, os zapatistas tentaram sair da fatalidade da violência ao dar as costas ao sangue derramado e optando, definitivamente, pela palavra e pelo sentido (LE BOT, 2001, p.7).

Paradoxalmente, o ponto de partida do zapatismo foi a apropriação do legado agônico da revolução mexicana que o EZLN buscou reavivar. As siglas *EZLN* remetem a um símbolo nacional poderoso: Emiliano Zapata, chefe agrarista mítico da guerra civil que sacudiu o México no início do século XX.⁴

A revolução mexicana constitui um período fundacional na história contemporânea do México. Depois de mais de dez anos de combates que deixaram o saldo de um milhão de mortos e uma economia devastada, o conflito se estabilizou lentamente ao redor da nova constituição de 1917 e da criação, em 1929, do PRI — o partido que iria dominar amplamente a vida política mexicana durante os próximos setenta anos.⁵ Com a institucionalização da revolução, surgiu o que Mário Vargas Llosa chamou de “ditadura perfeita” — um sistema que, apesar de realizar eleições, permitiu ao mesmo partido permanecer no poder por décadas, instituindo assim uma ditadura camuflada.

Assim, ao reivindicar a figura emblemática de Zapata, o EZLN se posicionou como herdeiro legítimo do herói popular, da luta pela reforma agrária e da revolução, mitos nacionais com os quais todos os mexicanos se identificam. Além disso, com a apropriação dessa simbologia, os zapatistas conseguiram reativar valores históricos e culturais e, assim, arrebataram ao regime

⁴ Emiliano Zapata formalizou a exigência de uma distribuição justa das terras em 1911, através do *Plan de Ayala*, que acolhia as aspirações dos camponeses mexicanos, cujas terras comunais haviam sido usurpadas pelo regime de Porfirio Díaz. Além disso, Emiliano Zapata pôs efetivamente em prática seu plano agrarista, ao abolir os *latifúndios* e ao redistribuir as terras nos territórios sob o seu controle (NIETO LÓPEZ, 1994, p.165).

⁵ Inicialmente chamado PNR e rebatizado PRI em 1946, o *Partido de la Revolución Institucional* se manteve no poder de 1929 a 2000, quando perdeu as eleições presidenciais pela primeira vez.

o monopólio do discurso revolucionário, caso inédito na história da cultura mexicana (VANDEN BERGHE, 2005, p.133).

Por sua vez, no ensaio que escreveu sobre as contribuições políticas do EZLN, Baschet sublinha a dupla e histórica superação alcançada pelo zapatismo através da reflexão crítica a respeito do capitalismo neoliberal, o que possibilitou a internacionalização da guerrilha, e sobre o marxismo doutrinário, ambos pensados nas suas formas totalitárias (2005). É importante destacar que essas questões se entrelaçam ainda com outras dimensões centrais nas ações e reflexões do EZLN. Por exemplo, o indigenismo político, que aponta para o racismo generalizado no México e promove um reconhecimento da diversidade étnico-cultural indígena, e as denúncias da opressão das mulheres indígenas, dos homossexuais e das trabalhadoras sexuais. Assim, num contexto que os próprios guerrilheiros sabiam pouco favorável — a queda do regime soviético, a proclamação da morte do marxismo e do fim da história e o suposto triunfo das políticas neoliberais — a rebelião zapatista se constituiu como uma das “primeiras manifestações mundiais de ressurgência das lutas sociais e do pensamento crítico” (BASCHET, 2005, p.13). A aspiração dos zapatistas a construir uma alternativa de esquerda se traduziu num movimento de contestação geral da dominação simbólica, a nível regional, nacional e internacional, que buscou sacudir os valores estabelecidos e questionar o indiscutido e o evidente.

Essa ampla dinâmica de contestação e de reflexão se tornou manifesta a partir de iniciativas políticas inovadoras, em ruptura com a herança das lutas armadas anteriores, que logo fundamentaram a criação de uma nova cultura política e conseguiram colocar em movimento diversas forças sociais, em um breve espaço de tempo e em lugares diferentes. Como sinais de uma práxis política distintiva, pode-se enumerar a troca das armas pelas palavras e pela estratégia de comunicação; a recusa da tomada do poder; a tentativa de construção de uma alternativa de esquerda crítica a respeito das revoluções anteriores; a interação intensa com a sociedade, através da multiplicação de

encontros de todo tipo (BASCHET, 2005, p.45), em busca de um espaço democrático de reflexão coletiva, e na tentativa de promover a emergência de um contrapoder nacional e internacional; a organização de consultas nacionais e internacionais sobre o destino político do zapatismo; a realização de festivais, colóquios, marchas e de caravanas que culminou em 2001 com a chegada da delegação zapatista na tribuna da Câmara dos Deputados. São práticas dinâmicas que se transformam em função do cenário político-social e da urgência do período histórico vivido, permitindo à guerrilha manter viva a atenção da opinião pública e dos intelectuais e, assim, garantindo a sua proteção contra um possível aniquilamento militar (VANDEN BERGHE, 2005).

A criatividade e a renovação demonstradas em cada iniciativa parecem sugerir que o EZLN faz política como se faz literatura, impondo na esfera política a autonomia e a liberdade características do universo literário. Para completar a descrição dessa práxis, é preciso debruçar-se sobre a emancipação do discurso político zapatista, que se entrelaça intimamente com a literatura, dando ao combate retórico assumido pelo subcomandante *Marcos* uma dimensão muito singular.

Na trama do discurso zapatista: da política à literatura

A estratégia de comunicação desenvolvida pelos zapatistas desde 1994 se baseia nas diferentes iniciativas políticas tomadas, mas também no discurso, transformado em instrumento de resistência à contra-ofensiva do Exército Federal mexicano. A palavra dita ou silenciada ritma a história do EZLN, através de ciclos de silêncio prolongado e de uma intensa produção verbal, seja escrita ou oral. Na trama do discurso zapatista, podem-se encontrar os esperados fios analíticos, que procuram esmiuçar e interpretar o campo sociopolítico e econômico. Também se descobrem outras fibras que, ao entrelaçar alegorias, paródias, contos, crônicas, poemas e romances, compõem um discurso que diversifica suas formas estéticas e seus recursos estilísticos. Um dos aspectos singulares é que esse discurso se desenvolve sobre dois níveis que mesclam

referências da história factual da guerrilha com elementos míticos, ou mágico-alegóricos, em narrativas que escancaram o discurso político para o universo literário. De fato, o ponto mais surpreendente desse discurso é a sua intensa literarização e o uso inédito da ficção literária.

Essa textura literária, continua no decorrer desses dezesseis anos, consagrou o chefe militar *Marcos* como escritor que, a partir de sua dupla posição de estrategista e intelectual, serviu-se de todas as armas em seu poder para evitar que a guerrilha fosse eliminada pelo exército mexicano, dando às letras uma centralidade importante. Desde a sua estreia, essa escrita chamou a atenção de personalidades distantes politicamente como José Saramago, Octavio Paz, Manuel Vázquez Montalbán, Juan Gelman, Gabriel García Márquez ou Régis Debray. Assim, enquanto em 1994 o EZLN obtinha, tanto no México como fora, um apoio maciço e decisivo para sua sobrevivência política, a escrita do subcomandante *Marcos* recebia uma atenção extremamente favorável de parte de diferentes setores intelectuais, artísticos e jornalísticos. Sem que esse fosse o seu objetivo, sua escrita desencadeou rapidamente publicações e traduções em diversos países, entrando, desta maneira, no mercado dos bens simbólicos por uma porta atípica.

De fato, a escrita do subcomandante Marcos constitui um fenômeno que provocou uma reação editorial espetacular no fim do século XX e que, em plena entrada do México no TLCAN,⁶ colocou tanto a questão indígena quanto a da falta de democracia no centro dos debates da sociedade mexicana. Com efeito, no seu momento de maior divulgação, a escrita de *Marcos* teve um impacto importante pela denúncia da exclusão generalizada e do racismo consensual em relação aos indígenas, mas também pela renovação social e política que ela inspirou tanto no México como em outros países. É precisamente o seu poder de interpelação e de convocação que invocou a crítica mexicana A. M. Ocampo,

⁶ Tratado de Livre-comércio da América do Norte, que entrou em vigor no dia primeiro de janeiro de 1994, data que o EZLN escolheu para dar início a sua insurreição e para nascer publicamente.

quando anunciou sua decisão de incluir *Marcos* no seu *Diccionario de los Escritores Mexicanos*.

Para sustentar a sua escrita literária, *Marcos* elaborou um dispositivo enunciativo original. Por um lado, aparecem os comunicados de imprensa e as cartas assinadas pelas instâncias de comando do EZLN (CCRI-CG⁷), que expõem as posições oficiais da guerrilha. Paralelamente, *Marcos* criou e reservou a si mesmo um espaço de escrita pessoal, através de cartas e, sobretudo, de uma nova modalidade epistolar — a apresentação de comunicado à imprensa, que se caracteriza por um tom descontraído, humorístico e até irreverente, e pela presença contínua de vários *postscriptum*, muitas vezes maiores do que a própria carta de apresentação. Neste sentido, os *postscriptum* funcionam como uma subversão insólita, reforçada pelo fato de que *Marcos* escolheu essa seção como lugar privilegiado para verter narrativas de todo tipo, poemas, citações, epígrafes etc.

Assim, as apresentações de comunicado constituem um espaço epistolar extraoficial e de expressão livre; contudo, esse mesmo espaço exerce uma função retórica particular, no sentido de dispor favoravelmente os ânimos dos seus leitores para uma melhor recepção dos comunicados oficiais e facilitar a imposição de sentidos. Mais especificamente, tanto as apresentações como os *postscriptum* e as narrações aparecem como mensagens afetivas, peças destinadas a apiedar, indignar os leitores, mas também a distrair e alegrar, pois, às vezes, carecem totalmente de qualquer conteúdo político. Com efeito, no universo literário de *Marcos* pode-se observar uma tensão da escrita entre duas dimensões que, por vezes, se seguem e, em outros momentos, atravessam-se, sem nunca se excluir totalmente.

Na primeira dimensão literária aparece a tematização de diversas problemáticas da dominação e da opressão, como, por exemplo, a posição socioeconômica dos indígenas, das mulheres, questões ligadas à luta antineoliberal, à guerra padecida pelas comunidades zapatistas ou ainda à

⁷ Comité Clandestino Revolucionario Indígena-Comandancia General.

causa homossexual. É o que indica o diálogo da personagem travesti Magdalena com o zapatista Elías, no romance *Muertos incómodos*:

— Mira Elías, tal vez tú me entiendas porque eres indígena y sabes lo que se siente con la discriminación y el racismo. No sé, hay como un odio a lo que es diferente. [...] Es algo que llega hasta el crimen. A algunas de nosotras, o nosotros, nos han llegado a asesinar. A veces se sabe y a veces no. Y no me refiero a que nos asesinen en un asalto o un secuestro. No, nos matan nomás por el coraje que les da nuestra diferencia. Y además, por ser lo que somos, si pasa algo malo, de quien primero sospechan es de nosotros, o nosotras. Porque ellos piensan que nuestra diferencia no es natural, sino que es una perversión, una maldad. Como si nuestra preferencia sexual fuera producto de una mente criminal, un rasgo de delincuencia... o de animalidad, porque un obispo dijo que somos como cucarachas. No sé, pero el caso es que si uno, o una, es homosexual, lesbiana, transexual o trabajadora sexual, ya estuvo que es el primer sospechoso o sospechosa de algo malo. Entonces una, o uno, tiene que esconder su diferencia o arrinconarla en una calle oscura. (SUBCOMANDANTE MARCOS, 2004-2005, p.2)

Marcos maneja a escrita no sentido de expor situações históricas nas quais as vítimas são ignoradas e não podem ser reconhecidas como tais, já que o discurso hegemônico proíbe receber tal testemunho dentro de suas regras. No entanto, ao forjar suas narrativas, sejam elas referenciais ou completamente ficcionais, o escritor acolhe e representa os grupos que se propõe defender. Desta forma, a escrita constitui uma instância de tratamento que permite retratar a dominação e criar a cena discursiva do seu reconhecimento. Como exemplo, podem-se citar as narrativas nas quais *Marcos* aprofunda literariamente a questão do *outro* indígena. A presença dos grupos étnicos maias é convocada nos textos por intermédio de personagens, narradores, descrição de práticas culturais, integração das particularidades linguísticas e adoção da cosmovisão e do patrimônio oral. Trata-se de uma poética da alteridade que busca incluir o olhar maia, legitimar o seu universo e o seu discurso, assim como dar uma forma positiva à sua identidade coletiva. Um texto representativo é *Ese día* que dá a palavra a um indígena maia morto nos combates de 1994:

Yo ya estaba muerto, acostado panza arriba y vi bien que el sol no se estaba caminando derecho sino que se estaba andando de lado. Ese día ya estábamos muertos todos y como quiera avanzábamos. [...] ¿Cuándo mero nos morimos todos? Pos la verdad no me acuerdo, pero ese día en que el sol se caminaba de ladito ya todos estábamos muertos. Todos y todas, porque también iban mujeres. (EZLN, 2003, p.408)

Nessas ficções, as referências à memória maia são abundantes. Por exemplo, quando *Marcos* menciona o episódio da conquista espanhola, não para retratar os maias como os grandes perdedores, mas sim para inverter o discurso habitual e escrever a épica da resistência indígena diante do colonizador (VANDEN BERGHE, 2005). As intensas relações entre suas ficções indigenistas e a história permitem a *Marcos* empreender uma verdadeira reconstrução do passado e do presente maias. Para representar esse material histórico, *Marcos* trabalha com técnicas narrativas alternadas que se completam na escrita. Por um lado, os acontecimentos são contados através da consciência individual de personagens nomeados e identificados que permitem personalizar a história a partir de sua subjetividade. Os testemunhos seguem uma escala variada, já que, conforme os textos, podem ser verossimilhantes, líricos, antilíricos ou totalmente fantásticos. Por outro lado, a partir de uma tonalidade poética acentuada, *Marcos* se vale da técnica de mitificação dos acontecimentos históricos que, projetados num tempo sagrado e edificante, transformam-se em pseudomitos maias fabulosos, usados como alegorias para idealizar e sublimar o presente da guerrilha.

Hace muchas noches todo era noche. Era un largo techo de sombra el cielo y era triste el canto de los hombres y mujeres. Los dioses sintieron pena por el triste cantar de los hombres y mujeres y se dieron en reunirse para sacar acuerdo. Porque los dioses siempre sacaban acuerdo para hacer los trabajos, y así aprendieron a hacer nuestros mayores y así aprendimos nosotros. A sacar acuerdo para hacer los trabajos aprendimos. Los dioses sacaron acuerdo de quitar el techo de la noche y que la luz que estaba arriba se cayera toda sobre los hombres y mujeres para que así no estuviera triste su canto de los hombres y mujeres. Y lo quitaron todo el techo de la noche y se vino toda la luz que era mucha, porque era la noche larga y

tapaba desde el río hasta la montaña y era mucha la luz que detenía el largo techo de la noche. (EZLN, 1995, p.88)

Assim, ao reconfigurar formas e sentidos de certos episódios históricos, *Marcos* interroga e desmistifica o discurso historiográfico, enquanto legitima versões alternativas dos fatos que buscam cristalizar e colocar em circulação novas interpretações. São ficções que lembram que, apesar da sua busca pela verdade, a história é também uma narrativa que se pode modificar, como fruto da interpretação e da projeção ideológica de cada historiador, e que o fato histórico pode ser enunciado e interpretado de múltiplas maneiras.

A segunda dimensão que atravessa o universo literário de *Marcos* se manifesta com a adoção constante de uma atitude escritural lúdica e humorística, aplicada em primeiro lugar a ele mesmo, mas também a inúmeros personagens. De fato, *Marcos* não duvida em se desfazer do estoicismo guerrilheiro e em adentrar na farsa, na paródia ou no chiste, conduzindo deliberadamente o leitor em territórios distantes da argumentação lógica e racional. Como exemplos, podemos lembrar suas primeiras autoficções, nas quais, para surpresa geral, ele conta piadas, descreve-se ironicamente como galã de novela mexicana, ou se ridiculariza, numa atitude de claro escárnio, que humaniza e desmistifica a figura do guerrilheiro heroico:

¿Por qué lo regañaste al Heriberto?, me avienta *Ana María* desde el pie de la lomita de la comandancia. "Las estaba molestando a las hormigas", me defiende. "Acaso nos alzamos en armas por las hormigas", dice, en jarras, *Ana María*. Yo enciendo la pipa y digo, mirando el pequeño juego de té abandonado por el sombrerero loco y la liebre de marzo: "No por ellas, pero también por ellas". *Ana María* sigue: "¿Por qué no te pones con uno de tu tamaño?". "¿De mi tamaño?", pregunto orgulloso de mi habilidad de responder a una pregunta con otra pregunta. En el entretanto ya se está haciendo bola en torno del Heriberto y su abogado la *Ana María*. Las hembras se agrupan amenazadoras, mirando al *Sup* como se mira a Salinas y chiqueando al Heriberto que, a mi entender, ya se olvidó del regaño y de las hormigas porque trae tantos dulces en la mano que no sabe por cuál empezar. Como ocurre siempre en los casos de emergencia, mi escolta no se encuentra por ningún lado. *Tacho* pretexta una reunión urgente del Comité y se va. Yo me resigno ya a ser fusilado por tanto

ojo moreno que me mira y no precisamente con cariño. (...) Hay un murmullo de aprobación entre las hembras que ya se dispersan. Yo me quedo con un palmo de narices, que para eso nariz me sobra. (EZLN, 1995, p.110)

Em outros textos, ele criou o personagem de *Durito*, um pequeno escaravelho que o acompanha nas suas insônias e com quem ele discorre sobre temas que vão do neoliberalismo a suas penas de amor. *Marcos* não hesita tampouco em associar milicianos zapatistas a gracejos de ordem sexual ou a cenas de nudez:

Nos aventamos al agua más por orgullo que por ganas. Como que nos bañamos, pero el lodo nos dejó el cabello de tal forma que seríamos la envidia del punk más radical. [...] Al salir nos dimos cuenta de que nadie traía nada para secarse. Rolando dijo "Pues nos sequemos con el viento", así que sólo nos pusimos las botas y nos fajamos las pistolas, y ahí vamos de regreso, completamente en pelotas, con nuestras miserias al aire, secándonos con el sol. De pronto José Luis, que marcha a la vanguardia, alerta diciendo "viene gente". Nos pusimos los pasamontañas y seguimos adelante. [...] Antes de llegar al cuartel nos vestimos, aunque todavía íbamos mojados, porque tampoco se trataba de inquietar a las insurgentas (SUBCOMANDANTE MARCOS, 2003).

A forma lúdica escolhida para divertir os leitores não deixa de ser um recurso retórico, mas pode revelar também um tipo de compensação falocêntrica, já que o combate militar se deslocou para a arena do jogo humorístico e da potência sexual. Acima de tudo, esse conjunto de imagens leva muitas vezes a uma carnavalização dos personagens que permite evitar a idealização e a vitimização uniformes dos guerrilheiros zapatistas, assim como sublinhar que o EZLN relativiza seu papel como vanguarda política e aceita as contradições e as ambiguidades do mundo. Fora disto, ao renovar constantemente o prazer que se libera nesse tipo de construções verbais, o jogo e o humor poderiam funcionar também para *Marcos* como exutórios diante de uma situação pessoal, militar e histórica mais do que incertas.

A centralidade e a singularidade das práticas culturais zapatistas levam naturalmente a considerar as implicações internas e externas dos jogos narrativos de *Marcos* e das ações políticas adotadas pela guerrilha. Como

consequências internas, apesar do importante protagonismo político e literário do subcomandante *Marcos*, parece inegável que os maias zapatistas ganharam uma visibilidade social excepcional, comparada com a situação de encobrimento e de marginalização na qual viviam. De fato, *Marcos* assume as questões da exclusão e da dominação dos indígenas que ele representa e leva-as ao centro do poder discursivo e político. Segundo o historiador J. De Vos, a recepção dessa iniciativa discursiva permitiu aos maias zapatistas participarem no México de uma “mobilização democratizadora que já não é possível parar” e obterem “um lugar na história” (DE VOS, 2002, p.358).

De uma perspectiva externa, percebe-se que a mediação discursiva de *Marcos* e as ações da guerrilha permitiram impor sentidos e gerar uma aceitação pública, visível através da mobilização maciça de simpatizantes e da difusão planetária das ideias zapatistas. O zapatismo acumulou assim um importante capital cultural, político e ético, a partir do qual se tornou um poderoso símbolo da renovação política do pós-guerra fria.

Contudo, a mediação discursiva de *Marcos* e a nova práxis política do EZLN, se funcionaram bem durante vários anos, parecem ter chegado a seus limites. Por um lado, a partir de 2002, os excessos de protagonismo e rixa do subcomandante com o juiz espanhol Baltasar Garzón, com a organização separatista basca ETA e com diversos intelectuais lhe custaram ferozes críticas na imprensa e no mundo intelectual, o que provocou a dilapidação do seu capital político e ético, assim como o do EZLN.

Por outro lado, o silêncio prolongado e a retirada do EZLN da vida política nacional depois da votação da reforma constitucional de abril de 2001, assim como sua estratégia de tábua rasa com o principal partido de esquerda mexicano,⁸ a partir de 2003, causaram o declínio da presença do EZLN nos meios de comunicação. Se a guerrilha ainda contava com um apoio mediático,

⁸ Trata-se do PRD.

intelectual e popular maciço depois da grande caravana de 2001, a situação atual parece crítica, e a escrita prolífica de *Marcos*⁹ não conseguiu revertê-la.

Referências

- BASCHET, Jérôme. *La rébellion zapatiste*. Paris: Flammarion, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte. Gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, [1996].
- _____. *Questions de sociologie*. Paris: Les Éditions de Minuit, 2002.
- DE VOS, Jan. *Una tierra para sembrar sueños*. Historia reciente de la Selva Lacandona. México: Fondo de cultura económica, 2002.
- EZLN. *Documentos y comunicados. Tomo 2*. México: Ediciones Era, 1995.
- _____. *Tomo 4*. México: Ediciones Era, 2003.
- FUENTES, Carlos. *Los cinco soles de México*. Barcelona: Editorial Seix Barral, 2002.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas*. Barcelona: Ediciones Paidós Ibérica, 2001.
- JESÚS NIETO LÓPEZ, de Juan. *Diccionario histórico del México contemporáneo (1900-1992)*. México: Editorial Alhambra Mexicana, 1994.
- LE BOT, Yvon. *Le rêve zapatiste*. Paris: Éditions du Seuil, 1997.
- _____. La parole et le sens. In: BLANC, Jacques et al. (Org.). *La fragile armada*. Paris: Éditions Métailié, 2001. p. 7-10.
- RODRIGUEZ, René. *Portrait de Rafael Guillén, alias le sous-commandant Marcos*. *Revue Esprit*, junho, p.129-146, 1996.
- SAID, Edward. W. *Reflexões sobre o exílio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

⁹ Em 2004, ele escreveu com Taibo II seu primeiro romance, intitulado *Muertos incómodos*; em 2007, ele publicou o livro erótico *Noches de fuego y desvelo*, o que significa mudanças importantes na sua escrita, dado que até então ele se havia limitado à forma da narrativa breve.

SUBCOMANDANTE MARCOS, TAIBO II, P. I. *Muertos incómodos (falta lo que falta)*. Cidade de México: La Jornada, 2004-2005.

_____. *Chiapas la treceava estela. Tercera parte: un nombre*. Palabra zapatista: 2003. Disponível em: <http://palabra.ezln.org.mx/>. Acesso em: 12 set. 2011.

TREJO DELARBRE, Raúl. *Chiapas la comunicación enmascarada*. México: Editorial Diana, 1994.

VANDEN BERGHE, Kristine. *Narrativa de la rebelión zapatista*. Los relatos del Subcomandante Marcos. Madrid e Frankfurt: Vervuert Iberoamericana, 2005.

Artigo recebido em 7/02/2011 e publicado em 1/10/2011.